

FRONTEIRAS CULTURAIS

Jorge Calvario dos Santos*

RESUMO

A Geopolítica nos remete a inúmeros conflitos em função de interesses além fronteira. Com sua formalização jurídica o conceito de fronteira passou a ser aceito juridicamente e sua defesa um direito legal. Entretanto, surge o conceito de fronteira cultural. As fronteiras, antes de serem jurídicas, são culturais e não delimitadas. As de um Estado-nacional culturalmente mais evoluído transcende sua fronteira política e a de um Estado-nacional culturalmente pouco desenvolvido mantém-se dentro dos limites de sua fronteira política. Isso possibilita e mesmo produz dificuldades no relacionamento trans-fronteiriço. Observa-se a existência de conflitos intra-Estados que, por possuírem fronteira jurídica sem considerar a fronteira cultural, com a existência de mais de uma cultura no mesmo espaço, vivem em uma situação de instabilidade política com a semente de desmembramento ou fracionamento territorial. O mesmo ocorre quando uma mesma cultura se localiza em diferentes territórios o que possibilita e induz a uma aproximação e superação da fronteira política de existente.

Palavras-chave: Cultura. Fronteira. Geopolítica.

CULTURAL FRONTIER

ABSTRACT

Geopolitics leads us to many conflicts due to outer border interests. With its legal formalization the concept of border was legally accepted and its defense a legal right. However, the concept of cultural border emerges. The boundaries before being legal are cultural and not limited. The more culturally developed nation-state borders overcome its political limits whereas the less developed ones stay within its limits. It enables and even produces difficulties for inner border relations. One may observe the existence of inner State conflicts that with more than one culture in the same territorial space live under political instability with the seed of territorial dismantle or fraction. The same occurs when the same culture is located in different territorial spaces what makes possible and leads to approaching and surpassing of the existing political border.

Keywords: Culture. Frontier. Geopolitics.

LAS FRONTERAS CULTURALES

RESUMEN

Las fronteras de unidades políticas no solo son jurídicas como también culturales. Por eso se observa la existencia de conflictos intraestatales por tener frontera jurídica sin tener en cuenta la frontera cultural, con la existencia de más de una cultura en el mismo espacio, que viven en

*Doutor em Ciências de Engenharia e Pós-Doutor em Estudos Estratégicos. Pesquisador da Escola Superior de Guerra (ESG) e Professor do Instituto de Estudos Estratégicos (INEST) da Universidade Federal Fluminense (UFF) no Programa de Estudos Estratégicos. Contato: <jorge@esg.br>.

una situación de inestabilidad política con la semilla de desmembramiento o el fraccionamiento territorial.

Palabras clave: Fronteira. Cultura. Geopolítica.

1 ASPECTOS CONCEITUAIS

1.1 Geopolítica

Com a obra *Geografia política* Friedrich Ratzel (1897 apud MAFRA, 2006, p. 36) tornou-se um dos precursores da Geopolítica. Em seu livro *Fundamentos da aplicação da geografia à história*, afirmou que “Semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna, a recompensa da vitória foi, sempre, um proveito territorial.”.

Para Ratzel (apud MAFRA, 2006, p. 37-38), território significava condições de existência de uma sociedade; sua perda significava a decadência. O autor define como importantes características geopolíticas de um estado sua situação geográfica, extensão e fronteiras. Também explica o caráter indispensável de território a partir das ideias de Malthus, de que o crescimento populacional e as decorrentes necessidades de subsistência conduziram ao aumento do território.

Considera, ainda, que o Estado seria resultante da dialética homem-território, sendo que o homem influencia o Estado através de sua cultura e atividade política.

Com o sueco Rudolph Kjellen (1846-1922) (apud CASTRO, 1999; MAFRA, 2002), professor da Universidade de Gotemborg, surge o termo Geopolítica, em sua obra publicada em 1916, *O Estado como forma de vida*. Ele é também o responsável pelo reconhecimento da autonomia dos seus estudos, elevando-a à categoria de ciência aplicada. Para Kjellen (apud MAFRA, 2006, p. 24), a “Geopolítica é o ramo da Política que estuda o Estado como organismo geográfico ou como fenômeno de espaço, portanto como país, território e domínio, ou mais exatamente como ‘reich’”¹. Ainda afirma que a Geopolítica tem como objetivos “[...] explicar a Política feita em função do condicionamento do ambiente físico (geografia)”. Karl Haushofer (apud MAFRA, 2006, p. 24) a entendia como Ciência que trata da dependência dos fatos políticos em relação ao solo.

Kjellen (apud MAFRA, 2006, p. 42-43) ainda acrescenta que os Estados Nacionais criam instituições que garantam o direito e as estruturas que tenham o monopólio da força como recurso para manter a vida interna e a soberania, defendendo sua fronteira territorial. Além de criador e sistematizador desse novo enfoque da Ciência Política, foi o principal arquiteto da Geopolítica. Também idealizou um novo método para o estudo da Política, analisando-a sob cinco aspectos:

- ✓ Geopolítica – estudo da influência do solo (situação, valor do território ocupado, posição, riquezas naturais) nos fenômenos políticos.
- ✓ Ecopolítica – estudo da influência dos fatores econômicos nos fenômenos políticos.

¹*Reich* - Palavra de difícil tradução em português, por conter o sentido de solo político e de tudo nele contido. É o *dominium*, no sentido latino.

- ✓ Demopolítica – estudo do Estado como nação (povo).
- ✓ Sociopolítica – estudo da influência dos grupos e classes sociais na evolução nacional.
- ✓ Cratopolítica – estudo da política de governo, do Poder.

Kjellen (apud MAFRA, 2006, p. 44) entende o Estado como ser vivo, tal como Ratzel, organicamente unido ao solo, sempre lutando por mais espaço. Adotando as ideias de Ratzel, sobre o Estado como unidade biológica, com as características e com a vitalidade de um organismo vivo, comparou-o com o corpo humano, sendo: a Capital, a Cabeça; o Território, o Tronco; as Áreas Produtoras, os Membros; os Centros Administrativos e Econômicos, o Coração e os Pulmões; os Rios e Estradas, as Veias e Artérias; posteriormente outros autores incluiriam as Fronteiras, como a Epiderme.

Foi de Kjellen (1916 apud MAFRA, 2006, p. 44), também, a ideia de nacionalismo, que daria à expressão característica do Estado. Território e espaço passariam a ser robustecidos pelo misticismo do nacionalismo que, por sua ampla e sugestiva significação, poderia abrir novos e grandes horizontes. Ainda segundo Kjellen, a interpretação dos fenômenos políticos influenciados pelos fatores geográficos, ou seja, a Geopolítica consideraria os seguintes enfoques:

- ✓ Topopolítica – influência da posição geográfica da base física.
- ✓ Morfopolítica – influência da forma e da extensão do território.
- ✓ Fisiopolítica – influência das riquezas naturais contidas na base física.

Para Therezinha de Castro (1999, p. 22), “Geopolítica é a relação entre a Geografia e a Política.”. Esse conceito conduz à interpretação de que Geopolítica venha a ser a política em função das características geográficas.

Para Meira Mattos (1990, p. 5), “A Geopolítica é a política aplicada aos espaços geográficos.”.

1.2 Cultura

The baffling problem of culture underlies the problem of the relation of every part of the world to every other.
T. S. Eliot²

Culture is not only what we live by. It is also, in great measure, what we live for.
Terry Eagleton³

O termo cultura tem diferentes acepções. O conhecimento acumulado por uma pessoa, o erudito ou o intelectual, manifestações artísticas, o nível de desenvolvimento de uma sociedade e outros mais. Em nossos dias, a cultura vem sendo usada como sinônimo de

² (apud GALLAGHER, 2003, p. 1).

³ (apud GALLAGHER, 2003, p. 13).

civilização, ainda que aquela seja uma expressão geral e esta uma condição peculiar. Entretanto, o que é fundamental é o significado em relação a qualquer sociedade, um conceito abrangente e universal. Essa é a acepção que interessa ao presente estudo.

Abbagnano (1999, p. 225-229) mostra que o termo cultura tem dois significados básicos. Um, mais antigo, relativo à formação do homem. Para o autor, essa palavra tem o mesmo significado de *Paideia* para os gregos e de *Humanitas* para os latinos. E acrescentou: “Bacon considerava a cultura como a ‘geórgica do espírito’, esclarecendo assim a origem metafórica desse termo”. Em outro significado, indica o produto dessa formação como sendo o conjunto dos modos de viver e de pensar, modos esses cultivados e aperfeiçoados por sucessivas gerações. O significado mais recente indica o resultado da formação do homem. O conjunto de modo de vida, de ser e de pensar.

Eliot (apud DAWSON, 2002, p. 110) adotou o moderno conceito sociológico de cultura, que significa “[...] o modo de vida comum de um povo em particular, baseado numa tradição social que se expressa em suas instituições, em sua literatura e em sua arte.”.

Dawson (1948, p. 47-48) entende que cultura “[...] é uma forma de vida organizada, estruturada sobre tradições comuns e condicionada por um mesmo ambiente”. Não tem o mesmo significado de civilização, pois este termo implica elevado nível de racionalização, nem ao de sociedade, pois que a cultura inclui grupos sociais independentes ou variantes culturais. Por ser a cultura um sistema de vida adaptado a determinado ambiente, existe alguma especialização e canalização de energias sociais em certas direções. A economia e o ambiente natural constituem com o grupo social uma forte relação. Isso acarreta uma evolução da cultura de modo independente da etnia.

Dawson (1948, p. 47-48) a esse respeito afirma que:

Isso não significa, como creem os racistas, que a cultura seja resultado de herança racial predeterminada. Pelo contrário, estaríamos mais corretos se disséssemos que a raça é produto da cultura e que a diferenciação de tipos raciais representa o auge, um longo período de separação cultural e especialização em um nível muito primitivo, assim como a nacionalidade nos tempos modernos, e a diferenciação de tipos nacionais é o resultado do surgimento de uma tradição cultural especial melhor que o inverso.

Coelho de Sampaio (2002, p. 138) entende que cultura⁴ é uma formação social que inaugura um novo modo de ser, que representa um modo de ser, ser-consigo-mesmo, ser-com-o-outro, ser-no-mundo e ser-frente-ao-Absoluto⁵. Por isso, a cultura de uma pessoa não pode ser isolada do seu grupo social, e a cultura do grupo não pode ser separada de toda a sociedade.

⁴A palavra cultura estaria reservada para uma formação social que inaugura um novo modo de ser. Ser-com-o-outro, ser-no-mundo e ser-frente-ao-absoluto, que, para nós estaria vinculada a uma determinada lógica; civilização referenciar-se-ia a uma formação social mais ampla, resultante do processo de horizontalização de uma cultura. Os exemplos mais claros seriam a cultura grega/civilização romana e, mais recentemente, cultura anglo-saxônica/civilização informacional globalizada, afirma Coelho de Sampaio.

⁵Este é um conceito expandido do formulado por Coelho de Sampaio em *O futuro da Psicanálise*. Palestra realizada na série de eventos *O Futuro da Psicanálise*, promovida pela UERJ, FINEP e estudos transitivos do contemporâneo. Rio de Janeiro.

Konrad Jarausch (apud CHASE, 2008) entende que “Cultura é o que se estende desde a literatura, a arte e, especialmente no caso alemão, também a música, até hábitos como ‘o que fazer no Natal’, quais canções você canta e todo esse tipo de coisa.”.

É importante destacar que, ao longo do processo civilizatório, o homem, a sociedade, ou seja, os povos se defrontam com o que se veio a denominar de dualidade primitiva – civilização x barbárie – tal como mostra Leopoldo Zea (1990). Esta dualidade, dinâmica em seu processo, reflete o confronto entre os povos ditos civilizados com os que ainda se encontram em estado considerado de barbárie. Na verdade, confronta *culturas* diferentes, *culturas* nodais e *culturas* periféricas, que se colocam em permanente dialética conflitual. Durante o processo civilizatório, são utilizados pelos povos civilizados e pelos bárbaros, ou seja, pelo centro e pela periferia, toda a sorte de instrumentos e argumentos, seja para manterem-se no centro, seja para evitar que os povos chamados bárbaros deixem de ter essa condição e consigam chegar ao centro. Nesse contexto, temos o conceito de civilização como sendo o mais alto nível de progresso, alcançado de forma coerente, como objetivo maior de um povo, momento em que se projeta sobre outras *culturas*.

No processo histórico, constata-se a ascensão e a queda de diversas *culturas*. Quando uma dessas *culturas* chega ao ápice, passa a ser objeto de cobiça dos que pretendem ocupar o seu lugar. Esses são denominados bárbaros pelos que ocupam posição de destaque entre as *culturas* de centro, *culturas* nodais.

Cultura significa identidade e unidade nacionais. Precisamos, portanto, preservar e garantir suas bases fundamentais para que as estratégias de defesa sejam eficientes, porque não adianta existir uma política de defesa se a população está desagregada, sem perspectiva, sem unidade e sem compromisso com o seu futuro.

Daí a importância de garantir a defesa da cultura, seus valores, tradições, e preservá-la de todas as interferências externas, especialmente, em relação ao processo de defesa cultural. Tal fato requer atenção redobrada, pois existem diferentes formas de interferência, que ocorrem diariamente e há décadas, e não são adotadas medidas a esse respeito.

Samuel Huntington (2004), em seu livro *Who are we?* afirma que, nos últimos dez anos, os americanos discutiram profundamente a identidade nacional. No Brasil, não há um aprofundamento dessa questão. Para que se estabeleça qualquer política de defesa, qualquer estratégia de defesa, é preciso que sejam considerados todos esses aspectos mencionados. É fundamental que, antes de tudo, nos conheçamos.

A dimensão cultural é essencial ao processo histórico, na vida nacional, no pensamento e no modo de ser de uma sociedade. Por isso, os países centrais usam meios de interferência cultural sobre culturas mais frágeis, logo de países de menor poder nacional, como forma de controlá-las e preservar a sua, a qualquer custo.

No decorrer da história, observa-se que muitas nações são lideradas culturalmente por outras. De modo geral, quase que sem exceção, as que lideram usam essa condição para induzir e, até mesmo, forçar determinadas atitudes políticas por parte das nações menos poderosas, a par da natural subordinação cultural.

O mundo ocidental, as instituições internacionais e as nações têm sido desafiadas pela ressurgência global da cultura e da religião nas nações, bem como nas relações internacionais. Esse renascimento decorre da profunda crise pela qual passa o mundo moderno. Reflete profunda e ampla desilusão, que reduz o mundo àqueles que controlam ou que tenham acesso ao saber científico, à tecnologia, à organização material das sociedades, sem considerar a dimensão cultural e a espiritual. O fracasso torna-se evidente ao ser constatada a decadência política, a frequência de crises, o autoritarismo, o patrimonialismo, a corrupção e a desintegração de alguns países menos favorecidos, sem que essa circunstância ao menos incomode a comunidade de nações.

Quanto mais se constata que a cultura é a base das relações entre as diversas nações e organismos multilaterais entre si, mais se consolidam o entendimento e a aceitação de que a cultura está no centro dos fatos que ocorrem no mundo. Assim, identifica-se que as relações entre as nações são marcadas por suas características culturais (ELIOT, 1967).

1.3 Fronteira

Para Ratzel, “A fronteira é um ato de vontade política.”. Para Delgado de Carvalho, “As fronteiras políticas apresentam um caráter temporário e passageiro.” (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 6).

Camille Vallaux, (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 9) em seu *Geographie Sociale* entende que:

Nas zonas de fronteira é que se encontra, muitas vezes, a máxima pressão das forças econômicas, políticas, morais e militares dos povos limítrofes, porém não servem elas apenas de meio de separação, mas também de interpretação de culturas, interesses e objetivos diferentes.

Um país possui três elementos básicos: população, território e instituições. O território abriga a população, e as instituições são entes que viabilizam a vida organizada da sociedade nacional.

Não pode haver dúvidas quanto à delimitação da fronteira, sob o risco de crise ou conflito. É sempre uma área sensível. A esse respeito Jaques Ancel (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 5) afirmou que:

O tema fronteira, estamos todos de acordo, é perigoso mesmo para um sábio, porque é carregado de paixões políticas todas encobertas por preconceitos; as pessoas comuns põem muitos interesses em jogo quando falam de fronteiras, dificilmente conservam o sangue frio; o mal entendido é permanente.

A função da fronteira é separar um país de outro. De suas funções constam, entre outras as de: separar o meu do teu, proteger o território nacional, isolá-lo quando necessário, facilitar o intercâmbio quando conveniente. Para Jaques Ancel (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 5), “A Fronteira separa, mas também pode aproximar, quando se trata de países altamente civilizados.”.

Para Scherrer Junior e Chiappini ([20--?]), o termo fronteira carrega em si forte noção

de território e territorialidade. Isso conduz ao Estado nacional, o que leva à identidade e à unidade nacional. A separação de um do outro, defendida por leis e pelas armas, pode gerar dificuldades, desentendimentos, crises, interesses, interferências e cobiça.

Essa cisão traz dificuldades no relacionamento entre as nações. Bertrand Badie, referenciado por Scherrer Junior e Chiappini ([20--?]), diz:

Em vez de unificar o mundo em torno de uma gramática comum das relações internacionais, o princípio da territorialidade⁶ divide, e de forma irremediavelmente não consensual [...], em vez de ser um meio de ordenamento do mundo, o território tende a tornar-se propriamente aporético.

Fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicos. São marcos, sim, mas de referência mental, que guiam a percepção da realidade, e são ponto de contato entre as culturas de cada lado. Constituem referência, mas representam um direito de separação entre as partes. São áreas de transição, de incertezas e de insegurança, pois ainda que apoiados por leis nacionais e pelo direito internacional, são submetidas a vários interesses. É uma área com característica própria, real e imaginária.

Pesavento (apud SCHERRER JUNIOR; CHIAPPINI, [20--?]) assim se expressa: como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de mobilidade.

Leenhardt (apud CARVALHO, 2012, p. 201) indica a prática de pensar fronteiras em função da territorialidade com suporte político. Afirma que “Nesse sentido, a fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície.”. Tal assertiva conduz ao entendimento de que a fronteira separa um do outro. Essa separação também significa a separação no sentido de preservação de uma cultura e de outra. Não havendo uma fronteira territorial, haverá sempre uma fronteira cultural, o que preserva a cultura da sociedade, mantendo sua unidade e identidade.

2 GEOPOLÍTICA DE FRONTEIRAS

Meira Mattos (1990) destaca elementos que, formulados por pensadores de várias épocas, evidenciam a relação da geopolítica com a teoria de fronteiras.

Arnold Toynbee, ao concluir seu estudo sobre as civilizações, registrou que “A geografia condiciona, dificulta, sugere, inspira, estimula, enfim apresenta seu desafio; caberá ao homem responder a este desafio; ou responde e o supera ou não responde e é derrotado”. Heródoto afirmou que “Terras férteis homens indolentes, terras áspers homens duros” e Montesquieu, em seu *Espírito das leis*, destacou que “Os mares aproximam, as cadeias de montanhas afastam. [...] Se uma república é pequena, vive ameaçada de destruição por um poder estrangeiro; se é grande, vive ameaçada de desagregação por condições internas” (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 20-21).

Em seu *Filosofia da história*, Hegel (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 21) expressa que:

⁶“Condição do que faz parte do território de um Estado. Limitação da força imperativa das leis ao território do Estado que as promulga.” (FERREIRA, 1999).

Não devemos considerar o solo ocupado pelas nações como fator externo, mas como aspecto ligado à natureza, intimamente vinculado ao caráter do povo. Esse caráter, relacionado com a natureza do solo, representa o modo e a forma sob os quais as nações se apresentam na História e nela ocupam lugar e posição.

Ao tratar desse assunto, Meira Mattos (1990, p. 21) referiu que Nicholas Spykman, em sua obra *Americ's strategy in world policy*, afirmara: “A geopolítica existe e pode explicar ou interpretar muita coisa no comportamento de uma potência na conjuntura internacional.”.

Vemos assim que, antes de existir formalmente, a ciência que viria a ser conhecida como Geopolítica já fazia parte do pensamento de alguns homens de estudo.

Jaques Ancel (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 109), em seu *Geographie de frontières*, afirma que:

O equilíbrio interno imprime poder à Nação sob o marco do Estado. A força da Nação impõe, por sua vez, um equilíbrio exterior, quer dizer, estabelece as fronteiras; só a decadência interna, as coloca em perigo. A história da Europa é rica em exemplos.

Observa-se que, ao longo da história, os governos preservam as fronteiras territoriais como porta de suas próprias residências. Em todos os países, as fronteiras têm sido regiões sensíveis, que delimitam as margens do exercício da soberania. Nesse espaço, é privilégio e direito do Estado o uso da força para defesa de seus interesses.

A partir da Revolução Francesa, consolidou-se a ideia de Estado-Nação, tendo como consequência o processo de efetivação do nacionalismo como sentimento de pertencimento, de unidade e de união da sociedade. Essa concepção determina o direito de posse do território nacional e sua obrigação de defendê-lo. Os direitos sobre o território delimitado passam a ser imperativos, e a fronteira torna-se o limite físico da soberania. Para Vidal de la Blache (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 14-15), isso é determinante na vida nacional, cria a expressão “O espírito de fronteira”, que passa inspirar o sentimento da nacionalidade.

Com a instituição do Estado Nacional moderno, afirma-se como conceito de soberania nacional. O Estado Nacional passa a definir as fronteiras territoriais onde exerce sua soberania. Com o Estado Nacional, tudo passa a ser mais complexo no concerto das nações. Instituições são criadas para gerir a vida nacional e é formalizada a constituição das Forças Armadas com a missão de garantir a soberania nacional.

Quando uma mesma cultura é localizada em dois lados opostos de uma mesma fronteira, esta tende a se desfazer. Quando diferentes culturas se encontram do mesmo lado de fronteira, crises e conflitos estão presentes nessas sociedades.

Fronteira não é apenas um instrumento ou uma convenção jurídica amparada pela força ou não, mas é, em sua essência, o que estabelece o contorno que delimita espaço político e/ou culturas.

3 FRONTEIRAS CULTURAIS

O conceito de fronteira cultural é mais complexo que o de fronteira tradicional em suas diversas acepções. É uma síntese dialética de dois conceitos de diferentes constituições: fronteira e cultura. Adquire características que transcendem a cada um. Envolve a sociedade, seu modo de ser, sua criação artística e cultural não é definida por leis ou convenções referenciais físicas e não é legalmente delimitada.

Camille Vallaux (apud MEIRA MATTOS, 1990, p. 24) assim conceitua: “As fronteiras não servem apenas de meios de separação, mas também de interpenetração de culturas, interesses e objetivos diferentes”. Jaraus (apud CHASE, 2008) entende que, para o mundo anglo-saxão, a cultura não é considerada como um ente pertinente ao Estado-Nação. Como se explica a unidade e a identidade de uma sociedade?

Pesavento (apud CARVALHO, 2012, p. 202) entende que “As fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo.”.

Esse pensamento corrobora o fato da existência de fronteira cultural e que esta preserva o modo de ser de uma sociedade. O diálogo transfronteira entre sociedades é, de fato, um diálogo intercultural.

Nesse aspecto, a cultura pode ter abrangência maior ou menor que as fronteiras políticas. Fronteira não é apenas um marco de separação política, mas também um ente que delimita culturas diferentes com identidade e unidade próprias ou separa culturas iguais. Isso conduz ao surgimento de conflitos. Ainda, Pesavento (apud CARVALHO, 2012, p. 202) afirma que a fronteira supera os limites geopolíticos (SCHERER JUNIOR; CHIAPPINI, [20--?]).

Supera também os limites políticos e jurídicos, pois os contatos entre os homens, ainda que inconscientes, envolvem os aspectos culturais.

Damatta (apud CARVALHO, 2012, p. 203) possui argumento semelhante e lembra que a globalização cultural envolve a difusão e a aculturação. Isso reflete na absorção de entes da cultura poderosa por outra mais frágil através da difusão cultural, com consequências possíveis para a unidade e identidade nacionais.

Ainda Damatta (apud CARVALHO, 2012, p. 204) afirma que “A emergência das pluralidades culturais vem realçar a importância da tolerância e da democracia, onde a ‘negociação’ tem papel fundamental. Assim, acreditamos que a sociedade poderá construir um caminho para resolver suas tensões e conflitos.”.

Por ser delimitadora, a fronteira é o *locus* onde ocorrem contatos materiais e trocas culturais. É uma linha que divide, mas também aproxima quando existem como margens de um e outro que possibilitam o encontro inicial de culturas de ambos os lados.

Fronteira, além de ser algo que remete à garantia de territorialidade, encerrando um espaço físico, é também elemento que conduz à preservação de diferentes culturas. Os contatos iniciais entre os homens de ambas as margens ocorrem na fronteira cultural. Quando a fronteira política separa a mesma cultura, pode-se afirmar que, com o tempo, a fronteira não mais será marco de separação, mas de união das culturas.

Na superposição das fronteiras culturais, acontece o contato entre culturas. Naturalmente a cultura mais desenvolvida, logo, mais poderosa, tende a influir sobre a cultura mais frágil. As influências culturais podem ser através de uma interferência cultural, que, por

ser planejada, pode causar danos à sociedade, levando à possível desagregação cultural. Assim se processa a aculturação. Culturas mais frágeis absorvem a cultura mais poderosa, ainda que esta também receba algo da outra. Há que alertar para que a cultura mais frágil venha a ser preservada, pois, se não o for, tende, no limite, a ser transformada e absorvida.

4 ALGUNS EXEMPLOS

Ao considerar a reflexão sobre fronteiras, não se deve pensar só na dimensão econômica, na dimensão política ou na dimensão militar. É fundamental que se pense prioritariamente na dimensão cultural. Isso porque a dimensão cultural é a mais importante dos determinantes sociais em longo prazo, ainda que possa existir ou persistir uma indeterminação quanto ao seu exato momento.

A fronteira cultural, como muro que separa, existe. Existiu na Alemanha, na Iugoslávia e em muitos outros países; estimulou a guerra que levou ao desmembramento. O muro existe dividindo a Coreia do Norte e Coreia do Sul. Até quando? Aí, tem-se a importante questão da nação brasileira, que, formada por uma única e coesa Cultura, está sendo duramente ameaçada pela Modernidade.

Podemos entender um país como tendo três dimensões. A política, a econômica e a cultural. A dimensão política seria a síntese da dimensão econômica e da cultural. A dimensão econômica, a que movimenta o país. A dimensão cultural é a que fornece a unidade e a identidade nacionais. Vivemos num momento histórico dominado pela incerteza. Estamos vivendo uma época em que o passado é, por todos os artifícios e técnicas, apagado. O futuro torna-se, cada vez mais, sem futuro. Implanta-se assim, um presente permanente, que se mantém permanente, pela sucessão de presentes conectados uns aos outros pela Lógica que governa a Cultura predominante ou dominante (COELHO DE SAMPAIO, 1998).

A surpresa que se mostra na realização do dia a dia, no momento histórico em que vivemos, vai deixando de ser surpresa e vai passando a ser construída e administrada. Surge a surpresa que não é surpresa. Assim, o presente passa a ser previsível e controlado pela Cultura que predomina, ainda que a *surpresa* continue presente em nossas vidas, no dia a dia de todos nós, sem perder a sua condição de surpresa (ao menos para a grande maioria das pessoas). Heráclito (2000. p. 212) já havia feito sua previsão quando afirmou que “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminhos de encontro nem vias de acesso”.

Estando o mundo coberto por uma eficiente rede de telecomunicações, controlada por quem promove a ideologia de todas as ideologias, os detentores das maiores agências de notícias, generaliza-se a informação no local e no momento. Como resultado ou consequência do novo modo de ser da mídia, observa-se a erradicação da reflexão e mesmo da sua possibilidade. Sem reflexão não há como vivenciar o passado e inventar o futuro. Instala-se o pensamento único Ramoniano⁷. Assim, o presente permanente torna-se um fenômeno aceito e, em função da ideologia, faz-se inexorável e definitivo, em um mundo feito apenas de presente, vivendo todos na era da incerteza, que leva todos à cegueira generalizada.

4.1 Alemanha

⁷Referência a Ignacio Ramonet, do Le Monde Diplomatique.

O Muro de Berlim é um bom exemplo. Era muito comum ouvir dizer que a queda do Muro era imprevisível. Na verdade, a queda era perfeitamente previsível, pois nunca houve um muro que se fizesse muro, ou seja, que dividisse a Alemanha, ou melhor, que dividisse a Cultura alemã. O muro que separava a Alemanha em duas áreas caiu sem que nada fosse feito. Caiu porque ele jamais existiu como um muro cultural, mas apenas como um muro de concreto que separava duas áreas físicas geográficas. Os dois lados ouviam Bethoven, Bach, liam Hölderlin, liam Kant, Hegel e Goethe, o que mostrava que tinham a mesma Cultura, o que levaria o muro a se dissolver, como ocorreu.

A Alemanha possui área de fronteira cultural maior que sua área de fronteira política. Esse fato é razão para criar um tipo de problema cuja resposta pode ser de expansão geográfica.

4.2 África

A Conferencia de Berlin, realizada entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885, na cidade de Berlin, foi convocada pela França e pelo Reino Unido e organizada por Otto von Bismarck, Chanceler da Alemanha, com o objetivo de resolver os problemas que envolviam a expansão colonial na África e resolver a partilha da região (CONFERÊNCIA DE BERLIM, 1884-1885).

O evento ocorreu com a participação de Itália, França, Grã-Bretanha, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Alemanha, Império Otomano (atual Turquia), Portugal, Bélgica, Holanda, Suécia, Rússia e Império Austro-Húngaro (atuais Áustria e Hungria). Teve como objetivo a divisão territorial da África, definindo novas fronteiras, e a escolha de quais territórios africanos seriam repartidos entre os países integrantes da reunião. Por tal razão, as nações africanas não foram convidadas para participar da reunião (CONFERÊNCIA DE BERLIM, 1884-1885).

Ainda que desde o século XV a Europa lá estivesse presente, foi a partir dessa reunião que foi efetivada a ocupação territorial da região. A configuração durou até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando iniciaram os movimentos pela independência. Antes da conferência, 80% do continente estava sob domínio de chefes tribais africanos.

A Conferência regulamentou o processo colonizador europeu para a África. A principal motivação para a colonização foi a projeção europeia sobre a região, por considerar-se o centro do mundo moderno. Essa concepção era decorrente do desenvolvimento industrial e tecnológico, que concedeu aos países da Europa maior poder.

Para ter reconhecimento internacional dos territórios ocupados, a Conferência, além de dividir e criar novas fronteiras, buscou a ocupação. Em pouco tempo, foi alcançada a completa divisão do continente africano, e o continente foi redesenhado sem consideração às fronteiras linguísticas e culturais já estabelecidas.

Através da Conferência de Berlim, as potências da época decidiram como ocupar os territórios ainda disponíveis. O problema é que os "colonizadores" apossavam-se dos territórios sem levar em conta os problemas e as diferenças culturais da população nativa. Dessa forma, foram criadas fronteiras artificiais dentro do continente, pois num único

país viviam e vivem culturas rivais, e, da mesma forma, uma mesma cultura passou a viver em países diferentes.

Por tal razão, vários países africanos têm sido palco de conflitos armados violentos, com motivação cultural e religiosa, impedindo que algumas nações venham a se desenvolver.

A fim de evitar maiores conflitos e fragmentação territorial, após a independência, as fronteiras foram mantidas, e permanecem assim até hoje.

4.2 Checoslováquia

A Checoslováquia foi criada autoritariamente em outubro de 1918. Esse fato ocorreu ao término da Primeira Guerra Mundial, como um dos Estados sucessores do Império Austro-Húngaro. Era constituída dos territórios atuais da República Checa, Eslováquia e, entre os anos de 1939 e 1945, Rutênia de Cárpatos. Foi uma república democrática caracterizada por problemas de diferenças culturais, pois as minorias culturais de sociedades mais desenvolvidas não concordavam com a gestão política e econômica dos checos e, também, porque a maioria dos alemães e húngaros que viviam na Checoslováquia nunca acordaram com a criação de um novo país.

A sociedade alemã, os húngaros, os rutenos e muitos eslovacos sentiam-se discriminados na Checoslováquia, pois a elite política do novo país centralizava o poder e não permitia autonomia política para as culturas mais frágeis. Essa forma de gestão, associada a um regime nacional-socialista, deu origem a uma instabilidade crescente, o que provocou a separação e a criação de novas nações.

4.3 Iugoslávia (Croácia, Bósnia-Herzegovina, Eslovênia, Macedônia, Montenegro, Sérvia e Kosovo)

A Iugoslávia teve sua existência formal de 27 de abril de 1992 até 4 de fevereiro de 2003. Foi sucessora da República Federal Socialista da Iugoslávia, que era constituída pelas repúblicas de Montenegro e Sérvia.

Em 1991, quatro das repúblicas integrantes da República Federal Socialista da Iugoslávia iniciaram processos de independência. Foi o início de uma guerra cruel, sem possibilidades de qualquer discussão.

Sérvia e Montenegro eram favoráveis à manutenção do antigo Estado. Organizaram-se como República Federal da Iugoslávia. Em 4 de fevereiro de 2002, os governos dos Estados em litígio chegaram a um acordo, aprovaram uma nova Carta Constitucional, e o Estado foi reestruturado (REPÚBLICA..., 2015).

4.5 Israel

Por que Moisés conseguiu conduzir os judeus durante logo tempo em direção a terra prometida? Por quanto tempo Israel não teve território? Por que não foi submetido? Por que a sociedade não se desagregou? Eis a razão: Israel sempre teve cultura forte. Eles entendem o valor e a função da cultura. Por esse motivo, a defendem. Defendem sua religião, pois sabem

que a religião oferece os valores e a dinâmica da cultura. Esse é o pilar que faz com que o povo de Israel se mantenha unido durante séculos, mesmo sem território.

4.6 Rússia

A Rússia atual, tal como a antiga União Soviética, é um problema inverso. A União Soviética, constituída por alguns países, formava um cinturão de fronteira que abrangia todo o sul da Rússia. Vários desses países receberam populações russas como forma de garantir a unidade cultural e, assim, a unidade e a identidade. Entretanto, essa medida não foi suficiente, pois as culturas que a receberam não se submeteram com facilidade. Historicamente, tem sido uma área de fronteira política maior que a área de fronteira cultural, o que leva a graves problemas de estabilidade interna.

4.7 Espanha

A Catalunha é uma Comunidade Autônoma da Espanha.

País Basco é um território que, apesar do nome, não é um país independente, mas uma área de 20 mil quilômetros quadrados entre a Espanha e a França, onde vivem os bascos. Estabelecido ali há mais de 4 mil anos, esse povo conservou boa parte dos seus traços culturais originais, especialmente o nacionalismo e a língua, que não têm parentesco com nenhuma outra. Ao longo de todo esse tempo, os bascos tiveram seu território ocupado por romanos, visigodos, mouros e francos.

Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), eles lutaram contra o general Francisco Franco, o líder nacionalista que implantou uma sangrenta ditadura. Em represália, o general acabou com a relativa autonomia política basca, alimentando ainda mais o nacionalismo daquele povo e fazendo surgir organizações terroristas que defendiam a criação de um Estado independente. O mais famoso desses grupos, o ETA (sigla de Euskadi Ta Askatasua, ou "pátria basca e liberdade"), apareceu em 1959. Ao longo das últimas quatro décadas, os terroristas organizaram atentados contra o governo central em nome da independência. Uma pequena trégua na luta aconteceu em 1978, com a promulgação de uma nova Constituição espanhola que favorecia a autonomia do País Basco. Desde 1980, a nação conta com um Parlamento próprio, mas ainda não tem território (ESPANHA, 2016).

4.8 Reino Unido

O Reino Unido é uma união política de quatro países constituintes: Escócia, Inglaterra, Irlanda do Norte e País de Gales. O governo é regido por um sistema parlamentar, cuja sede está localizada na cidade de Londres, a capital, e por uma monarquia constitucional que tem a rainha Isabel II como a chefe de Estado. As dependências da Coroa das Ilhas do Canal (ou Ilhas Anglo-Normandas) e a Ilha de Man (formalmente possessões da Coroa), não fazem parte do Reino Unido, mas formam uma confederação com ele (REINO..., 2016).

4.9 Povos Nômades

Não têm uma habitação fixa, vivem permanentemente mudando de lugar. Usualmente são os povos do tipo caçadores-coletores ou pastores, pescadores, que se mudam a fim de buscar novas pastagens para o gado, quando se esgota aquela do lugar em que estavam (NOMADISMO, 2016).

Os povos nômades, portanto, não se dedicavam à agricultura, que exigia longa permanência em um lugar, e, para eles, não existiam fronteiras nacionais, mas simplesmente lugares de melhores pastagens.

Com a descoberta da agricultura, os povos nômades começam a fixar-se em um determinado local. Entretanto, ainda hoje se encontram sociedades nômades, como os beduínos que vivem nos desertos do Negev ou da Judeia em Israel ou tribos de tuaregues na Sahara etc. (CASONATTO, 2011).

O que os faz unidos, o que não os faz se dispersarem é a cultura. Pela cultura, são mantidos unidos tal como os judeus se mantiveram e ainda se mantêm unidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura é o mais importante dos determinantes sociais em longo prazo, ainda que possam existir ou persistir uma indeterminação quanto ao seu exato momento.

Dentre os aspectos relevantes dessa questão, dois merecem destaque: o primeiro é o de que a Cultura vem moldando os padrões de coesão, integração, desintegração e conflito no mundo; principalmente no mundo pós-Guerra-Fria; o segundo é o fato de que a política mundial vem sendo configurada seguindo linhas culturais, ainda que se proclame econômica. Assim sendo, urge preservar a cultura, pois significa garantir as condições para que a sociedade possa construir seu próprio futuro.

Já no século XXI, ainda continuamos, tal como no século XVIII, ingênuos, dependentes de pensamento ou direção externa. A identificação de rumos estratégicos pressupõe um norte, uma direção, um caminho, um destino, para onde, todos nós, unidos, queremos ir como nação. Todos nós sabemos que ser produtor de riquezas naturais, a serem ofertadas no mercado global, é atributo econômico; logo, é meio e não destino. Nessa linha, qualquer sacrifício do povo brasileiro se fará em benefício da economia externa. Assim, o Brasil continuará sendo uma economia dependente, e o povo um proletariado externo das economias mais desenvolvidas, condenado à perpetuação do subdesenvolvimento e do pensamento dependente. Portanto, torna-se fundamental pensar o Brasil e traçar os rumos da originalidade.

Vive o mundo, neste início de século XXI, um processo contundente e determinante, em que se constrói a uniformização do pensamento, a subordinação de culturas, que tudo iguala. Por esse motivo, urge dar voz e vez à diferença. Diferença pela criatividade e pela força de uma proposta de um novo e profundo modo original de pensar, logo de ser, genuinamente brasileiro. Triste, porém esperançosa, a realidade brasileira. A dualidade a que estamos submetidos, um pé na modernidade e outro na originalidade, nos traz sofrimento. Porém, não nos atrela definitivamente numa condição que nos tira a condição de continuar seguindo nosso destino manifesto de sermos quem irá superar a modernidade.

Cada um dos países possui sua fronteira. Essa fronteira é amparada por legislação interna, mas também pelo direito internacional respaldado pela ONU. A transposição da fronteira caracteriza uma invasão. Observa-se, também, que um país possui sua fronteira cultural. Essa fronteira não possui necessariamente o mesmo traçado da fronteira política.

Alguns países possuem fronteiras culturais internas e outros as possuem externas à fronteira política. Essa linha ocorre em função de a cultura ser mais ou menos desenvolvida, mais ou menos poderosa. As culturas mais poderosas tendem a exercer maior influência sobre as mais fracas. A França, por exemplo, tem sua fronteira cultural que em muito transcende sua fronteira política. Portugal tem sua fronteira cultural interna a sua fronteira política. Isso reflete a pujança da cultura e suas possibilidades de influenciar e mesmo interferir em culturas mais frágeis.

As culturas são dinâmicas, evoluem com o tempo e comportam os valores e as tradições de um povo. Com o surgimento dos sofisticados meios de comunicação e das facilidades por eles colocadas à disposição, as culturas passam a defrontar-se umas com as outras, com projeção de culturas mais fortes sobre as mais frágeis⁸. Estas tendem a absorver a Cultura predominante com menos resistência.

Naturalmente que a absorção cultural não é indiscriminada. Sendo a Cultura um complexo de valores inter-relacionados que lhe confere personalidade própria, um traço cultural qualquer só encontra seu real sentido apenas ao integrar-se na Cultura receptora. Porém, esta integração pode tornar-se possível quando, através da interferência cultural, direcionada e com objetivos bem definidos, faz com que seja integrado à Cultura receptora.

A defrontação, e em muitos casos, a confrontação cultural exige ações decisivas que visem à proteção da Cultura nacional. Esse final de século XX, caracterizado pela velocidade, favorece a tendência de desterritorialização das culturas mais frágeis. A ausência de sustentação das bases de uma Cultura é como uma sentença de morte. A Cultura desaparece sem deixar vestígios. As sociedades perdem seus valores, a noção de solidariedade, desterritorializam-se. No limite, poderão consolidar-se novas unidades políticas que se constituirão com fronteiras políticas geográficas próprias no território em que se localiza a Cultura confrontada. Essa tendência significa a fragmentação e a consequente dissolução da sociedade nacional.

A projeção ou a imposição de uma Cultura, como um todo, sobre outra só é possível, quando não existirem mecanismos de defesa que possibilitem manter sua integridade. Por tal razão, as sociedades primitivas são as mais vulneráveis.

A interferência cultural tem sua ação predominantemente direcionada para a extrapolação anímica da alma de um povo sobre outro, fundada no conteúdo de territorialidade das culturas. A tônica de territorialidade da Cultura mostra a fundamental importância da nacionalidade que a ela é agregada. O território é imprescindível à Cultura e possui com esta uma relação biunívoca. A Cultura é essencial para a manutenção da integridade territorial o que, em parte, possibilita o seu vigor e sua criatividade.

⁸A Cultura que é considerada forte é a Cultura nodal. É criativa e de Lógica mais poderosa, hierarquicamente superior às demais. Cultura frágil pertence às culturas de Lógica hierarquicamente inferior à Lógica da Cultura nodal. As culturas fracas podem ser subsumidas pela Cultura nodal (mais forte). Normalmente as culturas fracas, de Lógica inferior, são divididas. A elite difere do “povão” nos aspectos lógico-culturais, o que não permite a sociedade evoluir com facilidade.

Faz-se necessário destacar que as pretensões universalistas da Cultura anglo-saxônica levam o mundo ocidental, paulatinamente, para o conflito com outras culturas.

A Cultura anglo-saxônica cada vez mais vem se impondo sobre as outras culturas. Sendo o processo histórico, de longo prazo, uma sucessão hiperdialética de culturas, a imposição de uma Cultura traz profundas preocupações quanto à sobrevivência de culturas mais frágeis, do aprimoramento de outras culturas bem como do processo de emergência de culturas. É inegável que a hegemonia de uma Cultura sobre outra pode inviabilizar a sobrevivência da cultura subalterna.

Quando se trata de Cultura, é importante lembrar Joseph Nye (1990) quando afirma a existência de um forte vínculo entre Cultura e poder. A Cultura segue o poder e o poder segue a Cultura. Para Joseph Nye⁹, o vínculo entre Cultura e poder é ignorado de modo quase universal, principalmente pelos que acreditam no surgimento de uma civilização universal, como deveria ser, e, também, pelos que acreditam que a ocidentalização seja fundamental para a modernização. Os que ignoram tal vínculo não admitem que a Lógica de sua argumentação os conduza a apoiar a expansão e a consolidação do domínio do mundo pelo ocidente, e que outras culturas foram deixadas livres para traçar seus próprios destinos. Elas resgatarão sua Cultura recalcada e manterão sua dignidade e identidade cultural e nacional.

Na década de 1990, temas pertinentes à identidade nacional (cultura) e temas correlatos como imigração e assimilação, multiculturalismo, diversidade, relações raciais e ação afirmativa, religião na esfera pública, cidadania e outros mais, foram intensamente discutidos nos Estados Unidos como observou Huntington (2004. p. 10-12). Gerald Graff denominou “guerras de cultura” e considerou saudável o debate sobre a cultura nacional, que, mais uma vez, está ocorrendo no local onde deve ser: na universidade estadunidense (READINGS, 1996, p. 13). Debates sobre a identidade nacional é a predominante característica do nosso tempo. Isso tudo significa o debate sobre a cultura estadunidense.

Esse debate é fundamental para a unidade e o futuro da nação, pois os interesses nacionais decorrem da identidade nacional. Por isso, é necessário saber quem somos antes de podermos saber quais são os nossos interesses e assim melhor preparar a sociedade e o Estado para garanti-los.

Essa preocupação não é produto do atual momento histórico, mas surge com Wilhelm von Humboldt, para quem a cultura é pensada em termos indissociáveis da identidade nacional. Tal enfoque faz pensar sobre a missão da universidade ou aceitar que a identidade nacional perdeu seu valor, o que leva à fragmentação da nacionalidade (READINGS, 1996. p. 15).

Nesse início de século XXI, a projeção da Cultura anglo-saxônica, a Cultura da Modernidade, avança sobre o mundo com vigor e determinação fantástica. Ainda que esse avanço, tido por muitos como uma expansão de natureza econômica, de modo explícito ou implícito, fica cada vez mais difícil esconder sua natureza cultural.

⁹Para Nye, o poder pode ser dividido em poder duro e poder suave. O poder duro significa que é possível conseguir com que outros queiram o que se quer, apoiado na força econômica e militar. O poder suave se manifesta através de apelo à Cultura e ideologia. Nye enfatiza que o poder duro e o poder suave são extremamente importantes, podendo se complementar.

A história permite concluir que o que está em curso é verdadeiramente um fantástico esforço de *desdialética* do mundo. A efetiva consumação desse processo poderá significar realmente o fim da história. Para Coelho de Sampaio, tal constatação significa um empenho delirante de transformação de uma hegemonia histórica contingencial numa dominação para sempre absoluta.

O processo faz chegar ao pensamento ou ao paradigma único como nos alerta Ignácio Ramonet¹⁰. Vale lembrar que o pensamento único só é possível devido à existência dominante da lógica única (lógica formal). Supondo que o pensamento único se consolide, vale imaginar se o que poderia advir não seria existir, pensar ou viver sempre o mesmo e para sempre o mesmo, ainda que simulando ser diferente?

Sobre esse assunto, Coelho de Sampaio entende que não se trata de um processo sem sujeito intencional, de construção por uma mão invisível como tanto se propala. Existe sim um processo de feroz empenho na consecução de uma missão. Missão com pretensões de levar a Modernidade a outras culturas, com todo o luxo que contém, ainda que essa circunstância possa vir a causar impacto com graves consequências pelo processo etnocida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CARVALHO, Francione Oliveira. Foz do Iguaçu e a tríplice fronteira: um debate interdisciplinar entre a história, a cultura e a educação. In: SCHEIDT, Eduardo et al (Org.). *História social das fronteiras*. Jundiaí: Paco Editoria, 2012.

CASONATTO, Odalberto Domingos. Povos nômades da atualidade. *A Bíblia*, [S.l.], 18 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1777>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CASTRO, Therezinha de. *Geopolítica: princípios, meios e fins*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

CHASE, Jefferson. "Fronteiras culturais nem sempre coincidem com as políticas". *Deutsche Welle*, Berlin, 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/fronteiras-culturais-nem-sempre-coincidem-com-as-politicas/a-3290920>>. Acesso em: 19 set. 2015.

COELHO DE SAMPAIO, Luiz Sérgio. *Filosofia da cultura*: Brasil: luxo ou originalidade. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

_____. Reflexões, moderadamente otimistas, acerca do advento da cultura nova lógico-quinqüintária. In: DANTAS, Rosane Araujo; ALONSO, Aristides (Orgs.). *Pensamento original: made in Brazil*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.

CONFERÊNCIA DE BERLIM, 1884-1885, Berlin. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resumo-Conferencia-De-Berlim/86299.html>>. Acesso em: 02 set. 2015.

¹⁰Jornalista e intelectual do Le Monde Diplomatique.

- DAWSON, Christopher. *Religion and culture*. New York: Sheed & Ward, 1948.
- DAWSON, Christopher. *Dynamics of world history*. Edited by John J. Mulloy. USA. 2002.
- ELIOT, T. S. *Christianity and culture*. San Diego, CA: A Harvest Book Harcourt, 1967.
- ESPANHA. *Wikipedia*, [S.l.], 11 ago. 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 4. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GALLAGHER, Michael Paul. *Clashing symbols: an introduction to faith and culture*. New York: Paulist Press, 2003.
- HERÁCLITO. *Fragments contextualizados*. Tradução e apresentação de Alexandre Costa. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HUNTINGTON, Samuel. *Who are we? the challenges to America's national identity*. New York: Simon & Schuster, 2004.
- MAFRA, Roberto de Oliveira. *Geopolítica: introdução ao estudo*. Rio de Janeiro: ESG, 2002.
- _____. _____. São Paulo: Sicureza, 2006.
- MEIRA MATTOS, Carlos de. *Geopolítica e teoria de fronteiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- NYE, Joseph S. The changing nature of world power. *Political Science Quarterly*, New York, v. 105, n. 2, p. 177-192, Summer 1990.
- NOMADISMO. *Wikipedia*, [S.l.], 13 jul. 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Nomadismo>>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ¿Por que separo Checoslovaquia? *Yahoo! Respuestas*, [S.l., 2009?]. Disponível em: <<https://es.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090509110857AA3GidO>>. Acesso em: 12 set. 2015.
- READINGS, Bill. *Universidade sem cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- REINO Unido. *Wikipedia*, [S.l.], 29 ago. 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_Unido>. Acesso em: 10 set. 2015.
- REPÚBLICA Federal de Yugoslavia. *Wikipedia*, [S.l.], 07 jul. 2015. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Federal_de_Yugoslavia>. Acesso em: 10 set. 2015.
- SCHERER JUNIOR, Charles; CHIAPPINI, Carolina Gomes. Fronteiras culturais: algumas considerações sobre o tema. *Celcyro*, Porto Alegre, [20--?]. Disponível em:

<http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=889:fronteiras-culturais-algumas-consideracoes-sobre-o-tema&catid=57:atividades>. Acesso em: 03 set. 2015.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde la marginación y la barbárie*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1990.